

OLHARES QUE AMPLIAM VOZES: EXPERIÊNCIAS DE FOTOVOZ EM PESQUISA COM JOVENS

Ana Dias Garcia
Universidade do Porto

Resumo

A partir de uma investigação participativa com base em métodos artísticos-criativos desenvolvida com um grupo de jovens entre os 12 e os 17 anos de comunidades consideradas socialmente vulneráveis do Porto, foi proposta uma abordagem fotográfica no processo de pesquisa e intervenção na cidade. Neste contexto, este artigo propõe uma reflexão e um debate sobre as potencialidades do método Fotovoz na compreensão dos múltiplos olhares e das diversas perspetivas dos/as jovens participantes sobre a sua realidade, a forma como se relacionam com as suas comunidades e atuam nelas. Com base nas experiências de Fotovoz procurou-se, ainda, descortinar oportunidades e obstáculos que estas pessoas jovens encontram para se envolver e participar enquanto cidadãos nos locais onde vivem. A utilização de abordagens de dimensão visual na investigação social permitiu uma melhor representação e caracterização de diversos contextos sociais e encorajou a participação das pessoas jovens nos processos de pesquisa e análise crítica e criativa da sua realidade. Este artigo apresenta resultados produzidos no âmbito desta experiência de pesquisa participativa protagonizada pelo grupo de jovens, que revelou desejos de ser visto, ouvido e considerado nos processos de tomada de decisão e na apresentação de propostas de melhoria das suas comunidades.

Palavras-chave: Comunidades Socialmente Vulneráveis; Cidadania; Investigação Participativa com Jovens; Fotovoz

GLANCES THAT AMPLIFY VOICES: EXPERIENCES OF PHOTOVOICE IN RESEARCH WITH YOUNG PEOPLE

Abstract

From a participatory research based on artistic-creative methods developed with a group of young people of 12 to 17 years old from a socially vulnerable community of Porto, a photographic approach was proposed in the process of research and intervention in the city. In this context, this article proposes a reflection and debate on the potential of the Photovoice method for understanding the multiple perspectives of the young participants on their reality, the way they relate to their communities and act within them. Based on the experiences of Photovoice, we also sought to identify opportunities and obstacles which these young people face to become involved and participate as citizens in the places where they live. The use of visual approaches in social research allowed for a better representation and characterisation of different social contexts and encouraged the participation of young people in the processes of research and critical and creative analysis of their reality. This article presents the results produced within the scope of this participative research experience led by the group of young people, who revealed their desire to be seen, heard and considered in decision-making processes and in the presentation of proposals for improving their communities.

Keywords: *Socially Vulnerable Communities; Citizenship; Participatory Research with Young People; Photovoice*

Introdução

Inspirado numa investigação mais ampla desenvolvida entre uma constelação de bairros de habitação pública do município do Porto e uma escola de 2º e 3º ciclos do ensino básico, inserida no programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP), o presente artigo traz ao palco do debate os principais resultados de um processo de pesquisa participativa com jovens concretizado com recurso ao método Fotovoz¹. O objetivo passou por observar e compreender que oportunidades e obstáculos encontram estas e estes jovens para a construção das suas aprendizagens, expressões e ações no contexto das suas comunidades, na perspetiva da participação cidadã.

O grupo de pesquisa, composto por vinte e um jovens entre os 12 e os 17 anos, onze rapazes e dez raparigas², foi abordado no contexto da sua Escola e dos seus Bairros, tendo sido convidado e desafiado a envolver-se no roteiro investigativo não apenas como participante, mas também como parceiro de investigação. O grupo participante é constituído maioritariamente por jovens de origem portuguesa, nascidos na cidade do Porto, exceto uma rapariga de 15 anos e um rapaz de 13, ambos nascidos no Brasil e recém-chegados a Portugal, e um rapaz asiático de 13 anos proveniente da República Popular da China. As e os jovens deste grupo são estudantes do 2º e 3º ciclos do ensino básico, sendo a maioria residente em zona periférica da cidade do Porto, pontuada por diversos bairros de habitação social (residências camarárias de renda económica).

O que os dados disponíveis revelam é que uma grande parte destas pessoas jovens vive em contextos sociais vulneráveis afetados pelo desemprego, pela precariedade laboral e pobreza urbana. A população residente nos bairros camarários do Porto representa “um dos segmentos populacionais mais fragilizados (representando já cerca de 13.5% da população residente), mercê dos baixos recursos financeiros e das baixas qualificações” (SINCLAB, 2019, p. 401). O aumento do risco de situações de pobreza, o tráfico e consumo de drogas, a degradação social e material e a estigmatização destas zonas habitacionais constituem alguns dos principais problemas das populações que habitam nestes bairros, sendo, neste cenário, as pessoas mais jovens um grupo particularmente vulnerável (Faria, Ferreira, & Rocha, 2013), situação que se agravou no tempo de pandemia (Machado & Melo, 2020).

Contudo, e apesar deste cenário, para as e os jovens que nele habitam, estes espaços são, na maior parte das vezes, lugares de proximidade, pertença, afetos, relacionamentos sociais entre pares e aprendizagens fundamentais, onde se constroem e reforçam redes identitárias e de apoio, que poderão gerar estratégias coletivas de sobrevivência e mitigação de sentimentos de estigmatização (Queiroz & Gros, 2002). Neste sentido, e salvaguardando a sua dimensão estruturante na vida das pessoas mais jovens, os bairros sociais, ainda que retratados, muitas vezes, de uma forma uniformizante baseada em generalizações, são territórios de complexidades, diversidade humana, histórias e memórias particulares e plurais, que não devem ser ignoradas. São as suas características assentes na tensão entre dinâmicas sociais conflituais e interações descontínuas e o ideal de unidade social de suporte (Simmel, 2016), que acarretam marcas nas e nos jovens, e que nesses contextos se constroem como atores e protagonistas das suas aprendizagens, narrativas e realidades.

A imersão nestes territórios de pesquisa e intervenção permitiu um contacto e conhecimento mais aproximados das experiências individuais e coletivas das pessoas jovens nas suas comunidades e gerar interpretações e representações da(s)

1 O presente artigo baseia-se no trabalho realizado no contexto de um projeto de investigação desenvolvido no âmbito do Programa Doutoral em Ciências da Educação, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Este projeto foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), através de uma bolsa individual de doutoramento com a Ref.^a SFRH/BD/132196/2017.

2 Após a constituição do grupo de pesquisa, foi salvaguardado o anonimato dos e das participantes, que passaram a ser identificados/as por nomes fictícios (*nicknames*) sugeridos por si próprios/as.

realidade(s) da cidade, enquadrando também uma pesquisa ecológica às circunstâncias onde são construídas as suas trajetórias e imaginários. Em consonância com a perspectiva sociológica que percebe as pessoas como atores ativos, criativos e autores das suas histórias, no âmbito do que designou como “sociologia humanista”, Plummer (2001) referiu a importância da subjetividade e criatividade humanas na forma como as pessoas constroem o espaço e a realidade social. Mencionou ainda a necessidade de considerar as experiências humanas concretas, nomeadamente as (inter)ações, tensões, expressões, manifestações de ideias e emoções, como elementos relevantes para a relação com o social; e a necessidade da valorização da diversidade, da justiça social e do envolvimento moral e político no combate à opressão e às injustiças sociais.

Integrando um grupo social plural e heterogêneo, composto por uma multiplicidade de subjetividades e trajetórias individuais, as pessoas jovens são aqui percebidas como seres humanos com as suas próprias particularidades, culturas, interesses, opiniões e formas de atuação (Gaitán & Liebel, 2011; Macedo, 2018, 2009; Pais, 2003; Silva, 2010), com um papel fundamental no desenvolvimento das comunidades a que pertencem (Campbell & Erbsstein, 2012; Furlong, 2007). Reconhecendo as e os jovens enquanto atores sociais e políticos detentores de direitos, nomeadamente do direito à participação enquanto exercício de cidadania (Macedo, 2018, 2009; Madeira, 2013; Menezes, 2014), o grupo de pesquisa participou como cocriador na pesquisa, apropriando mecanismos metodológicos que possibilitaram aceder às circunstâncias que estes e estas jovens se deparam para atuar e participar nas comunidades que habitam, gerando novos sentidos e sentires.

Neste sentido, por meio de experiências de recolha e geração de dados a partir de métodos visuais participativos, foi possível aceder a vozes não ouvidas e visualizar realidades e pessoas invisibilizadas, envolvendo o grupo participante na pesquisa e, mais uma vez, potencializando a sua participação (Mitchell et al., 2017). No processo de pesquisa, imagens foram captadas e selecionadas pelo grupo participante com o objetivo de, no

contexto de círculos de diálogo, promover interação, reflexão, identificação e análise de diversos pontos de vista, assim como a construção de sentidos (Bignante, 2010). O Fotovoz, enquanto método qualitativo de pesquisa participativa orientada para a ação, assumiu uma relevância estética, reflexiva e criativa, proporcionando espaços diversos de observação crítica e participante (individual e coletiva), que instigaram processos investigativos dialógicos e emancipatórios de construção participada de conhecimento (Garcia, Macedo & Queirós, 2022).

Quando as imagens falam: Fotovoz como ensaio participativo

Sandra Weber (2008, p.41) diz-nos que “(...) o contexto exige ser visto”, tendo em conta que as imagens fazem parte da sociedade e estão presentes nas diferentes dimensões e nos diversos contextos da vida quotidiana, sendo, por isso, recursos relevantes na captação e representação de aspetos sociológicos que, de outra forma, não estariam acessíveis (Banks, 2008). Cientistas sociais têm usado elementos visuais nas suas pesquisas qualitativas, na procura de maior aproximação à realidade, uma observação mais vasta e minuciosa a partir de várias perspetivas, na expectativa de uma melhor compreensão do universo social (Rose, 2016).

O Fotovoz enquanto método de pesquisa e intervenção social supõe a coconstrução de conhecimento, ação e criação de propostas de mudança a partir da expressão de vozes e olhares subjetivos e situados, por meio da produção de imagens que os representam – as fotografias (Catalani & Minkler, 2010; Wang & Burris, 1997). Foi no início da década de 1990, que as investigadoras Caroline Wang e Mary Ann Burris inauguraram o método Fotovoz desenvolvendo-o e implementando-o com o objetivo de envolver pessoas na identificação, representação e reflexão de diversos aspetos das suas realidades, e na elaboração de propostas de melhoria das suas comunidades (Latz, 2017). Com este propósito, o Fotovoz combina a expressão fotográfica, as experiências da realidade social das pessoas participantes, práticas etnográficas,

reflexão crítica e diálogo para compreender, a partir de diferentes perspectivas, dinâmicas de grupos e contextos sociais, educacionais, políticos, culturais e históricos.

Tendo como base a fotografia documental social (Wang et al, 1996); a ideia de ação dialógica e emancipatória (Freire, 2001) assente no questionamento crítico da realidade e diálogo intersubjetivo no sentido da conscientização (Freire, 2001, 2013); e inspirado na teoria feminista, na medida em que encoraja a partilha de poderes e pressupõe a colaboração ativa dos/as participantes, considerando a diversidade das suas vozes, olhares e interpretações da realidade (Mcintyre, 2003, Wang, 1999), o Fotovoz constituiu uma prática que encorajou o grupo participante a desenvolver competências de pesquisa e representar visualmente diferentes aspetos das suas comunidades.

Baseando-se, igualmente, no princípio de que as fotografias educam e informam, podendo fornecer um conjunto de informações significativas sobre a realidade, suscetíveis de serem analisadas e interpretadas (Edwards & Hart, 2004), despertando reflexões e debates, nesta pesquisa, a prática de Fotovoz incentivou e capacitou os/as jovens para participar ativamente e documentar vivências da comunidade no sentido de identificar aspetos que desejariam mudar nela. Acreditando que as pessoas são capazes de construir as suas próprias culturas, aprendizagens, pensamento crítico e produzir ações transformadoras nas suas comunidades (Freire, 2001, 2013), o Fotovoz corporiza um modelo de pesquisa cujo grupo participante assume um papel ativo de coinvestigador.

Compondo um desafio à criatividade e imaginação metodológica, o Fotovoz concede um caráter visual à voz através da apropriação metafórica da realidade e dos elementos que a compõem. Ao proporcionar a oportunidade para a exploração e o aperfeiçoamento de habilidades na operação de câmeras fotográficas, a implementação deste método poderá possibilitar que os/as participantes liderem a pesquisa (Jarldorn, 2019) e tenham liberdade para se apropriar deles criativamente, questionando, atribuindo sentidos, participando, amplificando as suas vozes.

Lugares da cidade a partir de olhares jovens: experiências de Fotovoz

As raparigas e os rapazes do grupo de pesquisa afirmaram que uma das principais razões que as e os levou a participar nesta investigação foi terem percebido que esta seria uma oportunidade para se expressarem, partilharem as suas opiniões, serem ouvidos e “experimentarem atividades diferentes”. Neste sentido, considerando e valorizando os seus interesses, as suas expectativas, a diversidade de suas linguagens, expressões, crenças, opiniões, modos de ser e agir, durante o trabalho no terreno, o grupo de jovens foi ouvido, consultado e considerado nos momentos de decisão sobre diversos aspetos relacionados com a geração de dados. Este princípio foi assegurado na experiência de Fotovoz, em que o grupo interveio no planeamento e decisão de tópicos de discussão, na escolha de possibilidades metodológicas a explorar, assim como na definição de lugares e recursos de pesquisa, e formas de disseminação dos resultados.

Na prática de pesquisa com recurso ao Fotovoz foram colocadas à disposição do grupo participante câmaras fotográficas digitais para que cada jovem tivesse a oportunidade de manusear, explorar e experimentar os equipamentos. Tendo manifestado curiosidade e interesse em aprender a funcionar com mais perícia com as câmaras fotográficas, cada jovem do grupo colocou questões sobre as diversas funcionalidades dos materiais para conseguir captar as imagens como desejava. Todavia, parte do grupo decidiu utilizar a câmara dos seus telemóveis, argumentando maior praticabilidade e facilidade na sua utilização. Assim, equipado com os recursos de captação fotográfica e observando atentamente as suas comunidades enquanto espaços de pesquisa, participação e intervenção, o grupo de jovens desenhou e definiu o percurso fotográfico pelos seus bairros, pela escola e restante cidade, sendo que o papel da investigadora adulta foi de acompanhamento e observação participante. O roteiro desta experiência no terreno está apresentado na **Tabela 1** que se segue.

Tabela 1 – As várias etapas que incorporaram a experiência de Fotovoz.

Etapa / Procedimento	Sessões	Local de Ação
Reunião com o grupo de jovens para familiarização com o material fotográfico, definição dos objetivos e planeamento das sessões no terreno	2	Escola e Centro Comunitário
Observação, captação / recolha fotográfica	5	Bairros e áreas urbanas envolventes / Escola
Reunião para apresentação das fotografias entre o grupo, debate coletivo crítico, análise e interpretação do material	3	Escola e Centro Comunitário
Reflexão conjunta sobre o processo; planeamento da exibição das fotografias	5	
Divulgação dos resultados / exibição das fotografias à comunidade e a decisores políticos locais.	1	Galeria da Casa da Cultura da Autarquia Local; Espaço de Exposições da Galeria da Casa da Cultura de Paranhos, Porto

O grupo de jovens foi desafiado a observar, analisar os espaços de seu quotidiano e identificar aspetos positivos e outros que desejariam melhorar nas suas comunidades. Deste safari fotográfico resultaram 105 fotografias captadas pelos/as jovens, tendo sido selecionadas pelo grupo 30, algumas das quais apresentadas neste artigo.

No que concerne aos aspetos positivos identificados, raparigas e rapazes destacaram aspetos estéticos e artísticos dos espaços, nomeadamente murais e graffitis em locais próximos aos seus bairros. A arte urbana é uma forma de expressão que valorizam, que dizem tornar a cidade mais bonita e as manifestações artísticas mais acessíveis às populações. Os espaços verdes, como parques urbanos arborizados e outros espaços ajardinados, foram outros aspetos considerados pelo grupo como positivos para a paisagem urbana e para todas as pessoas que nela habitam. Ainda como um aspeto positivo, o Kamy fotografou o novo parque infantil contruído no seu bairro, e uma paisagem com menos edificado em altura “onde é possível ver o pôr do sol”. O grupo destacou ainda os percursos pedestres como essenciais para uma mobilidade mais segura e verde, para que as pessoas jovens possam usufruir mais de atividades ao ar livre. Sobretudo o Kamy, Tek, Çalo, Hyro e os/as jovens mais novos/as queixaram-se dos automóveis e do quanto estes restringem a liberdade de crianças e jovens para ocuparem as ruas, nomeadamente para “passear, brincar, andar de bicicleta e skate à vontade!” (Çalo, 15 anos).

Foram principalmente os rapazes que exteriorizaram mais esta preocupação, tendo em conta que são eles quem ocupa e utiliza mais os espaços públicos.

Relativamente aos aspetos que o grupo gostaria de melhorar, a pobreza urbana foi identificada como sendo uma realidade que o afeta em diversas dimensões. Foram captadas imagens de edificado sujo e deteriorado, e foi comentado por um dos rapazes o quanto isso pode ser desqualificante e perigoso para quem circula naqueles espaços. Outros equipamentos públicos, nomeadamente no espaço da Escola, como candeeiros, tampas de saneamento e caixotes de lixo mostram sinais de vandalismo, falta de zelo e manutenção. Os campos de jogos dos seus bairros foram retratados como locais inseguros e abandonados, onde o lixo se acumula no chão e as redes das balizas permanecem há anos destruídas. A Nokas e o Kamy fotografaram cantos sujos, vandalizados e abandonados, destacando-os como locais perigosos e suscetíveis a atividades ilícitas. Foram principalmente as raparigas que reclamaram da insegurança de alguns pontos da cidade, principalmente à noite. Elas partilharam situações em que se sentiram assediadas e vulneráveis enquanto circulavam no espaço público.

O Fruchie e a Bru registaram ainda animais mortos, como ratazanas e gaivotas, nos passeios públicos do bairro. O Tek, um dos rapazes mais velhos, retratou a desorganização dos espaços comuns dos bairros, que são invadidos pelo estacionamento caótico de automóveis, que ocupam espaços que poderiam ser utilizados para crianças e jovens brincarem.



Figura 1. Mural na entrada de um dos Bairros e campo de jogos com as redes deterioradas situado no mesmo bairro (Fotografias de Kamy, 16 anos).

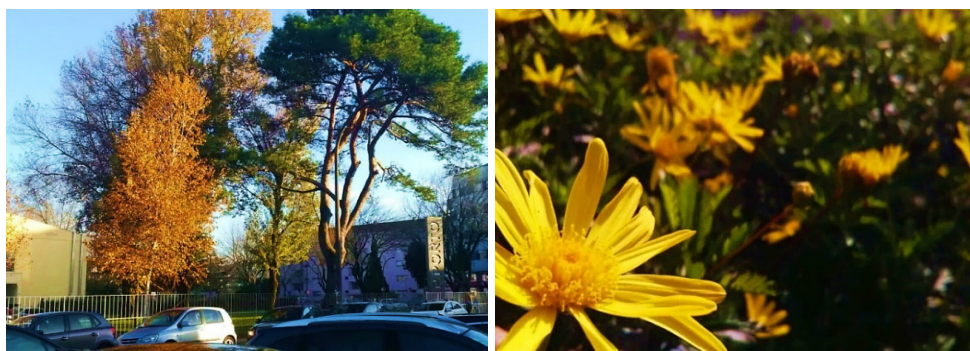


Figura 2. Espaço arborizado nas imediações dos Bairros e da Escola e flores em jardins públicos. (Fotografias de Çalo e Nokas, 15 anos).



Figura 3. Uma ratazana morta no passeio público e o edificado envelhecido de um dos Bairros (Fotografias de Bru, 14 anos, e Hyro, 17 anos).



Figura 4. Sarjeta entupida com lixo e caixote de lixo derretido na zona do recreio da Escola (Fotografias de Smile, 13 anos, e Mia, 12 anos).

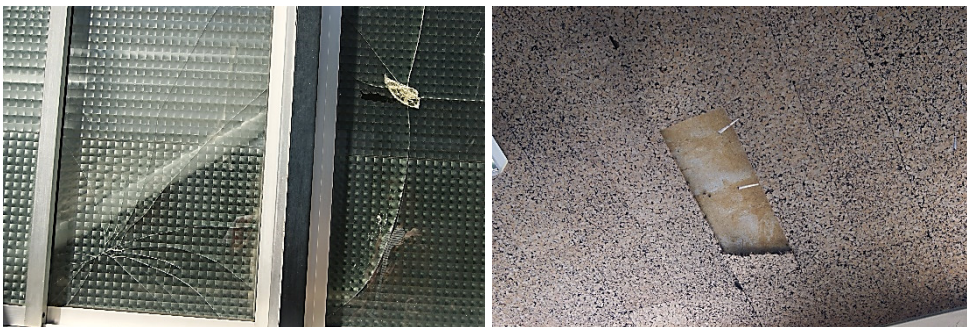


Figura 5. Vidros partidos em janela de sala de aula e pedaços de teto a cair em várias salas da escola (Fotografias de Rapunzel e Mafi, 13 anos).

Por uma cidade mais *Youth Friendly* com arte e espaços verdes

Após a realização da experiência fotográfica no terreno, as e os jovens discutiram sobre as imagens recolhidas e escolhidas, falando sobre as perceções e motivações que levaram à captação de cada fotografia. Tendo como ponto de partida os temas apresentados nas fotografias, estes diálogos incorporaram um processo de interlocução e escuta, que permitiu conhecer as experiências de aprendizagem e participação do grupo de jovens nas suas comunidades, suas perspetivas, desafios e desejos.

Os resultados da experiência de Fotovoz foram organizados e sintetizados através de análise de conteúdo, que incorporou a transcrição e leituras minuciosas dos diálogos estabelecidos durante as

sessões; a observação e compreensão de climas de interação; a identificação de atitudes e motivações do grupo perante a experiência; a captação dos elementos mais fotografados e representados visualmente; a identificação de temas emergentes; o cruzamento das diversas perspetivas e posições perante os temas; a interpretação e inferências. Esta análise corroborou o desejo destes e destas jovens por uma cidade mais Youth Friendly, onde possam ser vistos/as e ouvidos/as, considerados/as na criação de propostas e nos processos de tomada de decisão em assuntos que os/as afetam. Por outro lado, esta prática de pesquisa salientou a necessidade de apropriação por parte das pessoas jovens dos diversos espaços públicos, enquanto espaços de liberdade e manifestação, e o sentimento geral de exclusão desconsideração dos/as mais jovens nos momentos de discussão e

decisão sobre questões que lhes dizem respeito, seja no contexto de Escola ou da gestão local, como é o caso da Junta de Freguesia ou Câmara Municipal.

A partir dos debates coletivos sobre as várias fotografias emergiram temas-chave como a pobreza e insegurança urbana, a justiça ambiental e a relevância das áreas verdes, a dimensão ética e estética dos espaços públicos, e a democratização do acesso à arte e à cultura, especialmente no contexto das comunidades mais carenciadas. Podemos ver estes pontos sistematizados na **Tabela 2**.

Tabela 2 – Temas-chave identificados na análise de conteúdo

Justiça Ambiental	<ul style="list-style-type: none"> - Mais espaços verdes com menos tráfego motorizado (melhor mobilidade e maior qualidade ambiental) - Contacto próximo com a natureza: mais parques “para piqueniques e para relaxar”
Pobreza e Insegurança Urbana	<ul style="list-style-type: none"> - Reivindicação de espaços seguros, organizados e não poluídos - Necessidade de reabilitação de edifícios de habitação
Street Art	<ul style="list-style-type: none"> - Oportunidades de expressão / comunicação - Dimensão estética e criativa na cidade - Acesso à arte no espaço público
Acesso a Cultura e Lazer	<ul style="list-style-type: none"> - Mais espaços para experiências ao ar livre (desportos, jogos...) - Disponibilidade de espaços de encontro e convívio com acesso gratuito a cultura (música, cinema...) para jovens

Numa fase posterior, as fotografias tiradas pelo grupo de jovens foram impressas, apresentadas a responsáveis pelo pelouro da cultura e educação da Junta de Freguesia local, e exibidas numa exposição pública na galeria da Casa da Cultura da autarquia. Na abertura da exposição, e a partir do material visual apresentado, proporcionou-se um debate entre as pessoas jovens, representantes da gestão local e investigadoras da Universidade do Porto, familiarizadas com o trabalho de investigação com jovens. A intenção foi encorajar um espaço de expressão, comunicação e participação onde as pessoas jovens pudessem ser vistas, ouvidas e consultadas por decisores políticos ligados à gestão local. Desta forma, através das suas fotografias, o grupo chamou à atenção para aspetos a melhorar na sua realidade, procurando influenciar e contribuir para uma mudança positiva na vida das comunidades a que pertencem.

Esta experiência proporcionou ao grupo de jovens a oportunidade de poder colaborar e participar ativamente na pesquisa e no processo de mudança das suas comunidades, facilitando a coconstrução de processos de escuta das pessoas participantes, e o acesso às suas realidades, histórias, experiências, perspetivas, opiniões e desejos. Nos momentos de diálogo que advieram após a recolha de imagens, o desenvolvimento de consciência crítica (Freire, 2013) e criativa constituiu um dos pontos fortes do processo. A interação e partilha de experiências, ideias, saberes e pontos de vista enriqueceram a experiência de pesquisa e proporcionam sentimentos de maior coesão entre o grupo. Deste modo, foi possível observar que as pessoas envolvidas puderam adquirir mais confiança para se expressar, afirmar, defender e reivindicar as suas perspetivas e propostas (Wang et al, 2004; Wang, 2006).

Considerações Finais

Tendo como base uma investigação participativa baseada em métodos artísticos e orientada para a ação, desenvolvida com jovens de zonas socialmente frágeis do Porto, procurou-se, a partir do método Fotovoz, observar e compreender que condições encontram estas e estes jovens para a construção das suas aprendizagens, expressões e ações no contexto das suas comunidades, na perspetiva da participação enquanto exercício de cidadania.

Neste estudo, evidencia-se que a apropriação por parte das e dos jovens de métodos visuais como o Fotovoz e, simultaneamente, de espaços públicos comunitários, permitiu a construção de retratos socioeducativos, que refletem circunstâncias, oportunidades e adversidades quotidianas, as quais influenciam as suas construções e práticas cidadãs. O Fotovoz gerou um processo dinâmico de aprendizagem e expressão, no qual cada jovem participante pesquisou, refletiu e representou visualmente a sua escola, bairro e cidade, partilhando particularidades, que, algumas delas, traduzem experiências coletivas, proporcionando aos grupos a oportunidade de cruzar pontos de

vista e construções de sentidos sobre diversos aspetos socioespaciais. Esta experiência permite concluir que os métodos visuais de pesquisa poderão constituir ferramentas criativas e empoderadoras, potenciando maior consciência individual e coletiva de aspetos positivos e a mudar nas comunidades. Refira-se ainda que os diálogos e debates abertos resultantes destas experiências concretizaram possibilidades de expressão e participação da parte das e dos jovens, inclusive, em contextos (mais) públicos e face a responsáveis por decisões políticas ligados à gestão local. Aqui, exploraram-se e partilharam-se diferentes olhares e reflexões acerca da escola, dos bairros e da cidade, e ensaiaram-se eventuais soluções para enfrentar desafios com os quais as e os jovens se deparam e que necessitam de maior atenção por parte da sociedade como um todo.

A exposição pública do material fotográfico produzido pelas pessoas jovens no âmbito da pesquisa revelou-se particularmente importante, ao reunir raparigas e rapazes do grupo de pesquisa, representantes da gestão local e investigadoras da Universidade do Porto. Possibilitou que as e os jovens apresentassem as suas coproduções explicando e relacionando perspetivas, expondo desafios e propondo ideias. Naquele espaço de expressão, comunicação e participação onde as pessoas jovens puderam ser vistas, ouvidas e consultadas, estas manifestaram sentir-se encorajadas, confiantes e empoderadas por terem participado.

Considerando a dimensão participativa desta pesquisa com jovens e a prática emancipatória e comprometida com a transformação social, o Fotovoz possibilitou, ainda, a aproximação e cooperação entre as pessoas envolvidas na investigação – investigadora adulta e jovens participantes-parceiros/as de pesquisa – incentivando a partilha de poderes, interações horizontais, abertas e plurais (Jarldorn, 2019; McPherson & Mazza, 2014). Paralelamente, ao longo desta experiência metodológica, o grupo foi capaz de aperfeiçoar as suas competências técnicas de captação e expressão fotográfica, estimular a criatividade e apurar a sensibilidade estética, no sentido de uma comunicação e ação mais eficazes e apelativas.

Deste modo, torna-se urgente alargar os espaços públicos de participação de jovens para além do que é estipulado pelo seu papel enquanto estudantes, alargando as suas ações e aprendizagens fora da escola (Madeira, 2013). Para construir uma cidade inclusiva, democrática e participativa, é necessário proporcionar espaços diversos de aprendizagem colaborativa e saber incluir a contribuição das pessoas jovens (Garcia, Macedo, & Queirós, 2019). Para além de compreender e reconhecer a diversidade social de zonas urbanas marginalizadas, é crucial reconhecer o valor e o papel que as e os jovens poderão ter na estrutura social e nos processos de (re)construção das comunidades.

Referências Bibliográficas

- Banks, M. (2008). *Using Visual Data in Qualitative Research*. Sage Publications. <https://doi.org/10.4135/9780857020260>
- Bignante, E. (2010). The use of photo elicitation in field research. *EchoGéo*, (11), 1-20. <https://doi.org/10.4000/echo-geo.11622>
- Campbell, David, & Erstein, Nancy. (2012). Engaging youth in community change: three key implementation principles. *Community Development*, 43(1), 63 – 79. <https://doi.org/10.1080/15575330.2011.645042>
- Catalani, C., & Minkler, M. (2010). Photovoice: A Review of the Literature in Health and Public Health. *Health Education & Behavior*, 37(3), 424 – 451. <https://doi.org/10.1177/1090198109342084>
- Edwards, E., & Hart, J. (2004). *Photographs Objects Histories on the Materiality of Images*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203506493>
- Faria, A., Ferreira, C., & Rocha, E. (2013). *Monitorização Social do Porto 2013*. Direção Municipal do Urbanismo – Câmara Municipal do Porto.
- Freire, P. (2013). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.
- Freire, P. (2001). *Educação e Mudança*. Paz e Terra.
- Garcia, A., Macedo, E., & Queirós, J. (2022). “If I had power, I would stop injustices in the world”: Photovoice’s experiences with young people from disadvantaged urban communities. *Community Development*. <https://doi.org/10.1080/15575330.2022.2131860>
- Garcia, A., Macedo, E., & Queirós, J. (2019). Roteiros de coconstrução de conhecimento, expressão e participação: Como pessoas jovens (re)criam cidadania? *Praxis Educativa*, 14(3), 1230-1250.
- Furlong, Andy, & Cartmel, Fred. (2007). *Young People and Social Change*. Berkshire: Open University Press.
- Gaitán, Lourdes, & Liebel, Manfred. (2011). *Ciudadanía y*

- derechos de participación de los niños. Madrid: Univ. Pontificia de Comillas Ed. Síntesis.
- Jarldorn, M. (2019). *Photovoice Handbook for Social Workers: Method, Practicalities and Possibilities for Social Change*. Palgrave Pivot. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-94511-8>
- Latz, A. (2017). *The Photovoice Research in Education and Beyond: A Practical Guide from Theory to Exhibition*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315724089>
- Machado, I., & Melo, S. (2020). (Re)Inventar a Intervenção Social em Contexto de Pandemia (Vol. 4). Universidade do Porto, Faculdade de Letras. <https://hdl.handle.net/10216/128973>
- Macedo, E. (2018). *Vozes jovens entre experiência e desejo: Cidadania educacional e outras construções*. Afrontamento.
- Macedo, E. (2009). *Cidadania em Confronto: Educação de Jovens Elites em Tempo de Globalização*. Legis Editora.
- Madeira, R. (2013). A Participação das Crianças na esfera pública: a desigualdade social como desafio. *Rediteia* (46) – Bem-Estar Infantil – Revista de Política Social, 147-165.
- Mcintyre, A. (2003). Through the Eyes of Women: Photovoice and participatory research as tools for reimagining place. *Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography*, 10(1), 47 – 66. <https://doi.org/10.1080/0966369032000052658>
- Menezes, I. (2014). Fazer política por outros meios? In E. Macedo (Coord.), *Fazer Educação, Fazer Política: Linguagem, resistência e ação* (Vol. Querer Saber, pp. 19-36). Legis. <https://doi.org/10.5585/eccos.n41.6712>
- Mitchell, C, Lange, N., & Moletsane, R. (2017). *Participatory Visual Methodologies: Social Change, Community and Policy*. Sage Publications. <https://doi.org/10.4135/9781526416117>
- Pais, José Machado. (2003). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Queiroz, M. C., & Gros, M. C. (2002). *Ser Jovem num Bairro de Habitação Social*. Campo das Letras.
- Rose, G. (2016). *Visual Methodologies: An Introduction to Researching with Visual Materials*. Sage. <https://doi.org/10.1177/1468798419896175>
- Silva, Sofia Marques da. (2010). *Da Casa da Juventude aos Confins do Mundo: Etnografia de fragilidades, medos e estratégias juvenis*. Porto: Edições Afrontamento.
- Simmel, G. (2016). *Sociología: estudios sobre las formas de socialización*. Edição Digital: Titivillus – Epublibre.
- SINCLAB, Social Inclusion Laboratory. (2019). *Diagnóstico à realidade social do Porto: o cenário em 2018*. Câmara Municipal Do Porto.
- Wang, C. (2006). Youth Participation in Photovoice as a Strategy for Community Change. *Journal of Community Practice*, 14(1/2), 147 – 161. https://doi.org/10.1300/J125v14n01_09
- Wang, C, Morrel-Samuels, S., Hutchinson, P., Bell, L., & Pesronk, R. (2004). Flint Photovoice: Community Building Among Youths, Adults, and Policymakers. *American Journal of Public Health*, 94(6), 911-913. <https://doi.org/10.2105/ajph.94.6.911>
- Wang, C. (1999). Photovoice: A Participatory Action Research Strategy Applied to Women's Health. *Journal of Women's Health*, 8(2), 185 – 192. <https://doi.org/10.1089/jwh.1999.8.185>
- Wang, C., & Burris, M. A. (1997). Photovoice: concept, methodology, and use for participatory needs assessment. *Health, Education and Behaviour*, 24(3), 369-387. <https://doi.org/10.1177/109019819702400309>
- Wang, C., Ling, Y. Y., & Ling, F. M. (1996). Photovoice as a tool for participatory evaluation: the community's view of process and impact. *Journal of Contemporary*, 4, 47 – 49.
- Weber, S. (2008). Visual Images in Research. Em J. G. Knowles, & A. L. Cole (Eds.), *Handbook of the Arts in Qualitative Research – Perspectives, Methodologies, Examples and Issues* (pp. 41-53). Sage Publications, Inc. <http://dx.doi.org/10.4135/9781452226545.n4>

Ana Dias Garcia Doutorada em Ciências da Educação, é investigadora do Centro de Investigação e Intervenção Educativas – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4723-8561>
Contacto: agarcia@fpce.up.pt

Artigo recebido no âmbito da chamada aberta que decorreu até 21 de julho. Aprovado para publicação a 13 de dezembro de 2023.